

# ‘Só vemos as dificuldades pelo retrovisor’

Ed Ferreira/AE

*Palocci se diz otimista com a economia e que crescimento sustentável começa neste semestre*

PRISCILLA MURPHY  
e SHEILA D'AMORIM

**B**RASÍLIA – O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, justificou ontem a lentidão da retomada da atividade econômica com o tamanho da crise enfrentada pelo Brasil em 2002. Embora admita que a economia crescerá menos do que se previa, ele se diz otimista sobre a retomada neste semestre e afirma que as dificuldades estão ficando para trás. Olhando à frente, disse, a situação é bastante positiva. “Não sei qual é o número que vamos ter no final do ano, mas continuo otimista com essa economia. Se verificarmos o andamento do setor produtivo, vamos ver que os números difíceis vão ficando para trás. Hoje, não se verifica dificuldades pelo pára-brisa, apenas pelo retrovisor.”

Em reunião do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social (CDES), ontem, no Palácio do Planalto, durante a qual analisou a situação econômica do País e avaliou a aprovação do texto básico da reforma tributária, Palocci admitiu que o crescimento será menor do que se imaginava. “É lógico que gostaríamos de não ter inflação e ter grande crescimento, mas corrigir os rumos de um desacerto econômico normalmente tem custado perdas importantes de Produto Interno Bruto (PIB). Devemos ter um crescimento pequeno neste ano, mas não negativo, e devemos partir já neste semestre para um processo de crescimento sustentável”, afirmou o ministro.

Em janeiro, as perspectivas para o ano eram de inflação de 113% no atacado e de 43% no varejo, lembrou Palocci. Mas esse custo tem se mostrado menor para o Brasil do que tradicionalmente se vê em ajustes como os que o País vem enfrentando. Se a economia crescer este ano, em qualquer medida, “o Brasil já estará demonstrando uma capaci-



Palocci: ‘Devemos ter crescimento pequeno neste ano, mas não negativo’

dade de reação acima do comum para países em situação semelhante”. “Se analisarmos o que aconteceu em economias muito parecidas com o Brasil, que tiveram perdas de 5% a 14% do PIB, vamos verificar que nosso País, pela reação da economia real, tem conseguido sair da crise sem perda de PIB.”

## ‘A pior crise’

– Comentando a perspectiva do Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas (Ipea), de que o PIB crescerá só 0,5% neste ano (um terço do previsto), Palocci disse que “também tivemos em 2002 a pior crise dos últimos 10 anos, o que comprometeu o crédito para as empresas, o risco país, a rolagem da dívida e a inflação”.

“A queda do PIB no primeiro semestre é produto dos juros efetivos da economia no final de 2002 e começo deste ano, que estavam muito acima da Selic”, disse ele após a

reunião, referindo-se à taxa básica de juros (Selic). “Hoje, a taxa básica vem caindo e temos taxas efetivas da economia abaixo da Selic.”

Em resposta às cobranças de empresários e sindicalistas, de que a política de redução de juros está tímida demais para reativar o crescimento econômico,

o ministro pediu paciência e lembrou que o efeito das medidas monetárias não é imediato.

“Os indicadores e instrumentos de ação monetária e fiscal não têm efeito sobre o dia seguinte. Vamos aguardar”, disse o ministro. “A

atividade econômica está sendo reaquescida.” Segundo ele, já é possível detectar a recuperação econômica. “Na vida real, isso ocorre hoje com setores que estão em amplo crescimento, como os exportadores e de agricultura e pecuária, e dificuldades reais no mercado interno, onde os indicadores negativos estão começando a se estabilizar.”

**Corrigir os rumos de um desacerto econômico normalmente tem custado perdas importantes de PIB**

Ministro Antônio Palocci